

CANNABIS SATIVA - DE PRODUTO PSICOATIVO A MEDICAMENTO REGULADO

Antonio Waldo Zuardi (USP/RP)

- A maconha está entre as plantas mais antigas cultivadas pelo homem, com indicações arqueológicas e históricas do cultivo da planta, para obtenção de fibras, desde há 6.000 anos, na China. Os chineses relataram o uso da maconha como medicamento e descreveram seus efeitos psicoativos, na mais antiga farmacopeia, compilada há 2.700 anos antes de Cristo. Desde então o conhecimento desses dois efeitos da planta foi amplamente difundido no Oriente e a partir do século XIX no Ocidente. Atualmente a maconha é a droga ilícita mais utilizada no mundo. Dependendo da dose e do indivíduo, o uso agudo da maconha pode levar algumas pessoas a desenvolverem sintomas psiquiátricos e alterações cognitivas transitórias. Seu uso recreativo crônico, dependendo da dose, frequência e precocidade do início, pode induzir alterações cognitivas, facilitar quadros psiquiátricos e produzir dependência, em usuários vulneráveis. O uso de componentes da maconha como medicamento, começa a ser melhor caracterizado. O principal componente psicoativo da maconha, o THC, foi liberado nos Estados Unidos, em 1981, para náusea e vômito em pacientes com câncer submetidos à quimioterapia e, em 1992, para a anorexia na AIDS e câncer. Mais recentemente, uma mistura do THC com o Canabidiol, outro componente da maconha, foi liberado em mais de 20 países para a espasticidade da esclerose múltipla e para dores neuropáticas. O Canabidiol, vem sendo investigado para um amplo espectro de possíveis indicações terapêuticas. A maioria desses estudos encontram-se em fases pré-clínicas. As possíveis indicações para epilepsia resistente, esquizofrenia e Doença de Parkinson são as que já possuem ensaios clínicos em pacientes, porém ainda precisam de estudos com maior número de pacientes para que o canabidiol possa ser registrado como medicamento pelas Agencias Reguladoras.